

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

186

INSCRIÇÕES 690-695



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

690-693

NOVAS INSCRIÇÕES SOBRE *INSTRUMENTVM* DE *CONIMBRIGA* (*Conventus Scallabitanus*)

690 – Grafito de *Felicio*

Localizou-se recentemente, na reserva do Museu Monográfico de Conimbriga, o fragmento cerâmico proveniente das Escavações Antigas de Conimbriga (DGEMN, 1930-1944), sem mais precisão ou indicação estratigráfica.

Trata-se do fundo de um vaso produzido em cerâmica cinzenta fina, com cerca de 5,2 cm de diâmetro. Seria, certamente, um vaso de boca fechada, pois a atmosfera fortemente redutora que conferiu à superfície externa um tom cinzento muito escuro não atingiu o interior, que se manteve cinzento claro. É também visível que as paredes exteriores do vaso foram intensamente polidas, o que não aconteceu com o interior. Qualquer tipologia próxima de *Fouilles* V 455, 460 ou 469 é possível, sendo de admitir qualquer cronologia entre os meados do séc. I e os meados do séc. II¹.

No fundo externo do vaso gravou-se, depois da cozedura, com pequenas letras, bem desenhadas, com 7 mm de altura, e seguindo uma tendência circular que acompanha as marcas de torneamento, o nome do seu presumível proprietário:

FELICIO

¹ ALARCÃO, Jorge de (1975) – *Fouilles de Conimbriga V. La céramique commune locale et régionale*. Paris: De Boccard, p. 80-83.

A gravação em círculo levou à união da base de L e I e de C e I, mas não parece tratar-se de nexu intencional. Um pequeno traço na base do F deve ter sido acidente na gravação.

Felicio é nome comum, designadamente na Lusitânia², mas não estava ainda documentado em *Conimbriga*.



690

691 – Grafito sobre talha

Outro fragmento foi localizado entre a cerâmica das Escavações Antigas, com a única referência “Zona H” (Escavações da DGEMN, 1950-1960, Termas do Sul).

Trata-se do bordo e ombro de uma talha cerâmica alaranjada grosseira de forma próxima a *Fouilles V 326/327*³, mas com o bordo mais pequeno e decorada no ombro com dois meandros separados por um sulco; a datação é imprecisa (de Cláudio ao séc. V).

Entre o bordo e o primeiro meandro foi gravada, sobre a pasta fresca, em caracteres cursivos de mau desenho, uma

² NAVARRO CABALLERO, Milagros e RAMÍREZ SÁDABA, José Luís (coords.) (2003) – *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*. Bordéus/Mérida: Ausonius / Fundación Estudios Romanos, p. 178-179.

³ ALARCÃO, Jorge de (1975), p. 71.

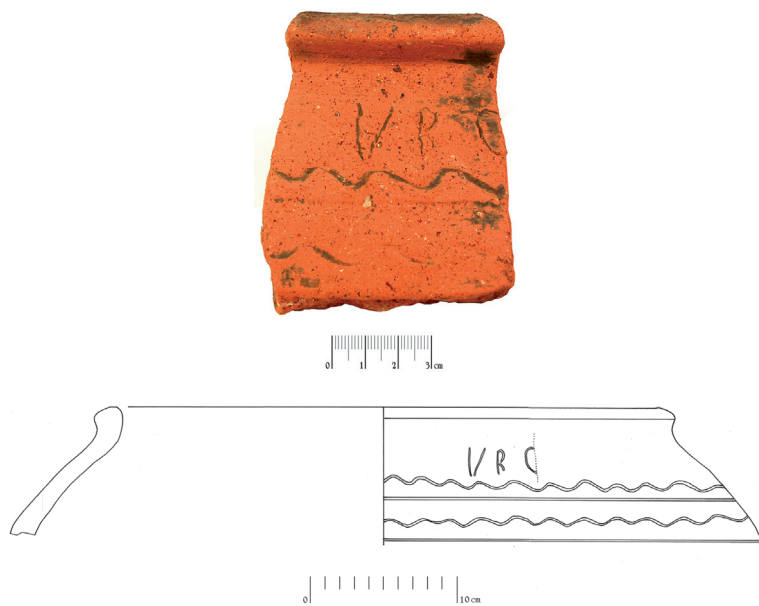
palavra de que sobrevivem as três primeiras letras (altura: 1,5 a 2 cm; espaços interliterais: 1 a 1,5 cm).

VRC... *vel* VRO... *vel* ERO...

Na primeira das hipóteses, a inscrição pode interpretar-se como *urcei...*, talvez seguido de um numeral indicando a capacidade da talha. Isto seria algo ainda não documentado na epigrafia sobre *instrumentum* de *Conimbriga*, mas consistente com a semi-industrialização de algumas produções locais⁴.

A tratar-se de um nome, de oleiro ou de proprietário, a restituição da primeira letra como *Il pro E* é, talvez, um esforço paleográfico maior do que o grafito consente, mas oferece a restituição mais pacífica na epigrafia peninsular.

A solução prudente será deixar as várias hipóteses em aberto.



691

⁴ CORREIA, Virgílio Hipólito (2004) – Os oleiros de Conimbriga. *Conimbriga* 43, 215-226.

692 – Um objecto epigrafado de uso desconhecido

O objecto epigrafado que ora se publica foi encontrado nas escavações arqueológicas levadas a cabo em 2004, no âmbito do projecto VALMON (Valorização dos Monumentos de Conimbriga), que se realizaram na *Insula* a oeste das Termas do Sul⁵. O seu contexto de recolha (2004.IWT(7)) corresponde ao alargamento de uma área das escavações luso-francesas (69.TH IV.1), não havendo fortes indicações cronológicas, mas tratando-se, muito provavelmente, de ocupações posteriores à construção trajânica das termas.

Tem como base uma pedra de calcário com 4 x 3 x 3 cm, que mostra nas suas faces trabalhos diferentes, desde a superfície deixada irregular ao desbaste com cinzel denticulado, e outras zonas polidas. Entre estas, está a criação de uma face bem trabalhada e lisa, com 3,5 x 1,7 cm, saliente 7 mm relativamente à restante pedra, que forma o campo epigráfico.

Neste campo gravou-se a buril, com letras regulares mas não muito perfeitas, um provável antropónimo em dativo

MARAE

Mara é antropónimo desconhecido, podendo constituir um *hapax* por *Mariae*, mas *Marus* é gentílico conhecido em Tarragona⁶ e em Mérida⁷; por outro lado, a onomástica indígena de *Conimbriga* é uma permanente fonte de surpresas.

Não podendo interpretar-se a peça como estampilha para marcar cerâmica, estar-se-á perante um exercício de escrita (ou de cantaria em miniatura), meramente lúdico?

⁵ CORREIA, Virgílio Hipólito (2013) – *A arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana*. Coimbra: Inst. Arqueologia (Conimbriga Anexos 6). p. 59-62.

⁶ VIVES, José (1971) – *Inscripciones Latinas de la España Romana*. Barcelona: Universidad/CSIC, nº 4394.

⁷ NAVARRO CABALLERO, Milagros e RAMÍREZ SÁDABA, José Luís (coords.) (2003), p. 231.



692

693 – Marca grafitada de *Manaca*, sobre peso de tear

Em 2018, nas escavações levadas a cabo no sector G XVII de Conimbriga (zona sul do anfiteatro), recolheu-se um fragmento de peso de tear epigrafado, que foi identificado no contexto (2018.G XVII.29/34(8)) que corresponde à ocupação exterior a um edifício contemporâneo do anfiteatro (a partir de finais do séc. I d. C.) e que é alvo de uma remodelação em finais do séc. III/inícios do IV, que o sela.

Conservou-se a parte superior do peso de tear, que pôde verificar-se que pertence tipologicamente ao Grupo B (pesos de média dimensão), Forma I (paralelepípedo de secção rectangular), com dois orifícios afastados 3,5 cm⁸. As dimensões da secção, correspondente ao campo epigráfico, são 6,8 x 3,7 cm; a sua altura original deveria ser próxima dos 12 cm (conservaram-se 7,5 cm).

⁸ ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert; ALARCÃO, Adília M. e PONTE, Salette da (1979) – *Fouilles de Conimbriga VII. Trouvailles diverses, conclusions générales*. Paris: De Boccard, p. 62-64.

No topo do peso (infelizmente danificado no processo da escavação, mas completamente reconstituível), gravou-se, em letras bem desenhadas, com 7 mm de altura,

MANACAI[I]

De notar a grafia (comum) de II *pro* E e a paleografia de A, com a haste transversal oblíqua, pendente da haste direita da letra⁹.

Cremos ser a primeira vez que se documenta o nome (lusitano ?) *Manaca*.

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA¹⁰



693

⁹ Cf. ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges e LÉVÊQUE, Pierre et Monique (1976), p. 194 (n° 423-424).

¹⁰ Museu Monográfico de Conimbriga; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos UC. Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2019, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Research Developed under the Project UID/ELT/00196/2019, funded by the Portuguese FCT – Foundation for Science and Technology.

Victoria. Os autores, recorde-se, haviam optado pela reconstituição [V]ictoria[e] / Aug(ustae) • iussu / [M]artis. «En respuesta a la pregunta, pienso que *Victoriae* concuerda con *Augustae* en dativo para decir “a la Victoria Augusta”, que creo es lo correcto», retorquiui Manuel Grueso, que acrescentou: «Pienso que podría caber esa opción (*Victoriae Augusti*) para indicar: “a la Victoria de Augusto”. – J. d’E.

Ad n. 692 [FE 186]

Sugeriu Marc Mayer a leitura *Maurae* [em vez de *Mara*, antropónimo não documentado]. Considero que é um nexó múltiplo muito denso, mas não impossível (ver FIG. 692). *Maurus/a* é muito comum no Sul da Península (ILER *indices*, s.v. = Vives, José (1971) – *Inscripciones latinas de la España romana*. Barcelona: Universidad/CSIC) e tem presença na Lusitânia, nomeadamente na capital provincial (Navarro Caballero, Milagros e Ramírez Sádaba, José Luís (coords.) (2003) – *Atlas antroponímico de la Lusitania Romana*. Bordéus/Mérida: Ausonius/Fund. Estudios Romanos, p. 233-234). – Virgílio H. Correia.

